

A organização textual do gênero acadêmico *Squib* na área de linguística

Flaviane Faria Carvalho*

Raquel Sacramento*

Resumo

Este artigo visa a descrever os padrões de organização retórica do gênero acadêmico *squib*, com vistas a compreender as especificidades do seu processo de produção textual. A relevância deste estudo se deve à incipiência de pesquisas desenvolvidas com esse enfoque. Com base no referencial teórico-metodológico proposto por Swales (1990), Bhatia (1993), Miller (1984) e Motta-Roth e Hendges (2010), serão analisados dez *squibs* publicados em revistas acadêmicas da área de Linguística, na tentativa de verificar se há recorrência de movimentos e passos retóricos entre eles. Como resultado, foi possível apontar para certas tendências de organização textual, possibilitando a realização de um mapeamento dos movimentos e unidades retóricas desse gênero.

Palavras-chave: Gêneros acadêmicos; padrões de organização textual; *squib*.

The Textual Organization of the Academic *Squib* Genre in the Area Of Linguistics

Abstract

This article aims to describe the rethorical organization patterns of the academic *squib* genre, in order to understand the specificities of its textual production process. The relevance of this study comes from the lack of research with this focus. Based on the theoretical methodological benchmark proposed by Swales (1990), Bhatia (1993), Miller (1984) and Motta-Roth and Hendges (2010), ten *squibs* published on academic journals of the linguistics area, will be analysed on the attempt of verifying if there are recurrence of moves and rhetorical steps between them. As a result, it was possible to point to certain tendencies of textual organization, making it possible to carry out a mapping of the movements and rhetorical units of this genre.

Keywords: Academic genres. Patterns of the textual organization. *Squib*.

Keywords: Academic genres; patterns of the textual organization; *squib*.

Recebido em: 17/01/2022 // Aceito em: 26/05/2022.

* Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Graduada em Comunicação Social (UFV, 2006), Mestre em Estudos Linguísticos (UFMG, 2007) e Doutora em Linguística (Universidade de Lisboa, 2012). Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal de Alfenas.

* Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Graduada em Letras/Português (UNIFAL-MG, 2022).

1 Introdução

Cada área do conhecimento tende a adotar determinadas convenções retóricas nos textos dos gêneros utilizados para desenvolver e divulgar suas pesquisas. Investigações com foco em evidenciar como diferentes tipos de gêneros são concebidos e organizados, bem como quais são suas finalidades e sua audiência se mostram de extrema relevância para produções acadêmicas eficientes em cada campo do saber.

De acordo com Swales (1990), o gênero é uma classe de eventos comunicativos em que os membros especialistas da comunidade discursiva definem uma base lógica para a sua estruturação, compartilhando um mesmo propósito comunicativo. A visão desse autor sobre comunidade discursiva é baseada na caracterização de um grupo de pessoas que atuam numa determinada instituição social, apresentam um repertório de gêneros com traços retóricos e validam as atividades da comunidade disciplinar na qual se inserem. Nesse sentido, a identificação do propósito comunicativo e do modo como os gêneros são formulados, escritos e apresentados é extremamente relevante para uma produção acadêmica eficiente.

No que tange às investigações sobre gêneros acadêmicos, o *squib* aparece como um tipo de texto ainda pouco explorado nos contextos nacional e internacional de pesquisa. Em virtude disso, o presente estudo tem como objetivo descrever os padrões de organização textual do gênero acadêmico *squib* no contexto brasileiro de pesquisa da área de Linguística.

Com base no referencial teórico-metodológico proposto por Swales (1990), Bhatia (1993), Miller (1984) e Motta-Roth e Hendges (2010), serão analisados dez *squibs* publicados em revistas acadêmicas brasileiras da área de Linguística, com o intuito de: 1) verificar se há recorrência de movimentos e passos retóricos entre eles e 2) elaborar um quadro hipotético da organização textual dos *squibs* analisados, apontando para possíveis tendências no âmbito da comunidade acadêmica atinente à área de Linguística.

2 Fundamentação teórica

2.1 Situando o gênero no campo da Linguística Aplicada

Motta-Roth (2008), em seu artigo “Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem”, apresenta um extenso levantamento acerca do conceito de gênero na literatura recente, precisamente no que se refere à delimitação, análise e interpretação da linguagem como gênero a partir de um enquadre crítico. Segundo a autora, graças a teóricos comprometidos com a educação linguística no contexto anglofônico, a noção de gênero desempenhou um novo papel na Linguística Aplicada nos anos 1980.

Ela considera como “marcos teóricos”: os estudos realizados por Swales (1981) acerca da introdução de artigos acadêmicos, o trabalho de Miller (1984), no qual conceitua os gêneros como tipos de ação social, a obra de Kress (1989), que entende os gêneros como processos linguísticos na prática sociocultural e, ainda, as pesquisas de Martin (1985/1989) sobre o ensino de redação na esfera escolar, compreendendo o gênero como uma prática concreta de exploração e desafio da realidade social (MOTTA-ROTH, 2008, p. 343). Para Motta-Roth (2008), esses autores promovem um verdadeiro deslocamento na tradição de estudos sobre o gênero existente até então, a saber:

[...] mudando seu foco de interesse em termos do aspecto da linguagem que enfatizam (elementos léxico-gramaticais, estruturas retóricas, contextualização do discurso) ou alterando sua visada teórica sobre o mesmo objeto de estudo, transformando, assim, a sua própria representação do conceito de gênero [...] (MOTTA-ROTH, 2008, p. 343).

Embora haja diferenças entre os trabalhos desses autores, Motta-Roth (2008, p. 343) destaca como consenso entre eles “a análise de textos, em seu conteúdo temático, organização retórica e formas linguísticas, em função dos objetivos comunicativos compartilhados por pessoas envolvidas em atividades sociais, em contextos culturais específicos [...]”.

O presente artigo se alinha à escola britânica de *English for Specific Purposes* (ESP), representada por Swales (1990) e Bhatia (1993), centrada na “organização retórica dos ‘tipos de textos’, definidos por suas propriedades formais, bem como por seus objetivos comunicativos dentro de contextos sociais [...]”, em interface com a Escola Americana da nova retórica ou sociorretórica, cujos principais expoentes, Bazerman (1988) e Miller (1984), focalizam “os contextos sociais e os atos de fala realizados pelos gêneros em uma dada situação [...]” (HYON, 1996, p. 695-696 *apud* MOTTA-ROTH, 2008, p. 344).

Segundo Bhatia (1993), o critério que define o gênero é o seu propósito comunicativo e, para cumpri-lo, é necessário recorrer a determinados recursos linguísticos e discursivos, usados de modo recorrente e convencional por uma dada comunidade discursiva. Nessa seara, Carvalho (2010) também defende que a definição de gênero não está centrada na substância ou na forma do discurso, mas no conceito de ação social: situado num contexto sociorretórico mais amplo, o gênero funciona como um meio para a realização e/ou identificação de nossos propósitos comunicativos em cada situação social que vivenciamos.

Mediante o exposto, as regularidades observadas nos gêneros apontam para um contexto social e cultural mais amplo em que a linguagem é utilizada. Assim, a similaridade nos aspectos textuais consiste na configuração de uma ação social desenvolvida em “situações retóricas recorrentes” (MILLER, 1984). Essa perspectiva de estudo do gênero correlaciona, destarte, tradições linguísticas e retóricas, definidas por Swales da seguinte maneira:

[...] um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um certo conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros especializados da comunidade discursiva original e desse modo passam a constituir a razão subjacente ao gênero. A razão subjacente delinea a estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é um critério privilegiado que opera no sentido de manter o escopo do gênero, conforme concebido aqui, estreitamente ligado a uma ação retórica comparável. Além do propósito, os exemplares de um gênero exibem vários padrões de similaridade em termos de estrutura, estilo, conteúdo e audiência pretendida. Se todas as expectativas de probabilidade mais alta forem realizadas, o exemplar será visto como prototípico pela comunidade discursiva de origem [...] (SWALES, 1990, p. 58).

Swales (1990) afirma que o gênero é uma classe de eventos comunicativos em que os membros especialistas da comunidade discursiva constituem uma base lógica para a sua estruturação e compartilham um mesmo propósito comunicativo. A visão de Swales (1990) sobre comunidade discursiva é compreendida como “um grupo de pessoas que trabalham no mesmo lugar e mantêm um repertório de gêneros, que possuem traços retóricos claros e validam as atividades da comunidade [...]” (BIASI-RODRIGUES; ARAÚJO; SOUZA, 2009, p. 31-32).

Interessado na análise de textos produzidos para fins acadêmicos e profissionais, Swales (1990) preconiza a relevância do propósito comunicativo do texto. Para esse autor, é o propósito comunicativo que molda o gênero, determinando sua estrutura interna e impondo limites quanto às possibilidades de

ocorrências linguísticas e retóricas. É por essa razão que não se mostra favorável a definições de gênero com viés prescritivo, pois os concebe como “entidades dinâmicas, passíveis de transformações de acordo com as condições sociais e históricas em que são produzidos [...]” (CARVALHO, 2010, p.116).

Os gêneros acadêmicos, com base na definição de Swales (1990), são metodologicamente desenvolvidos de maneira descritiva, caracterizados por um conjunto de propósitos comunicativos identificados e classificados, mutuamente compreendidos dentro da comunidade em que ele ocorre regularmente. Com base nessa teoria, cada gênero acadêmico consiste em um propósito comunicativo específico e utiliza-se de conhecimentos linguísticos relativamente convencionalizados de cada área do saber para atender fins discursivos, já que pode ganhar contornos singulares gradativamente, ao proporem-se mudanças paulatinas nos processos de elaboração dos textos.

Essa proposta metodológica descritiva possibilita a caracterização da estrutura dos gêneros acadêmicos em termos de organização retórica, de modo a representar em pormenores a informação presente em cada unidade textual. É como se cada tipo de gênero acadêmico se desenvolvesse por meio de estágios relativamente recorrentes, cada um destes focado em cumprir um determinado propósito comunicativo – são os chamados movimentos retóricos, formulados por Swales (1990).

2.2 O gênero acadêmico *squib*

De acordo com Motta-Roth e Hendges (2010, p. 22-23), textos acadêmicos possuem objetivos muito específicos e podem ser identificados em função da maneira particular com que são construídos, em relação ao tema e objetivo, público-alvo, natureza e organização das informações incluídas no texto.

Com base no estudo de Carvalho:

Os trabalhos disponíveis sobre as convenções do gênero acadêmico, indistintamente do contexto em que são produzidos, seguem, frequentemente, uma orientação prescritiva (ROCHA, 2002; VANEEVA, 2005), ditando os procedimentos adequados a serem seguidos para se alcançar resultados desejáveis. Contudo, há também trabalhos que seguem uma orientação descritiva (SWALES, 2004; SWALES; FEAK, 1994; BHATIA, 1993), baseados no princípio de que a descrição de como é feito é importante para o conhecimento de como fazer [...] (CARVALHO, 2010, p. 116).

A autora ainda afirma que pode ser observada nesses trabalhos, de caráter prescritivo ou descritivo, a variação de aspectos relacionados ao gênero acadêmico, desde o como e por que citar, até aspectos relacionados à organização textual e à realização lexicogramatical.

O modelo CARS (*Creating a Research Space*), proposto por Swales (1990), envolve uma estrutura retórica em dois níveis hierárquicos de unidades de informação: os “movimentos” (*moves*) e os “passos” (*steps*), com maior (movimentos) ou menor (passos) abrangência:

Cada uma dessas unidades esquemáticas é considerada retórica uma vez que realiza ou adiciona uma parte da informação dentro da totalidade do texto. Assim, um movimento pode ser definido como um bloco de texto que pode se estender por mais de uma sentença, realizando uma função comunicativa específica (p.ex., em artigos científicos, estabelecer o território epistemológico da área), e que, juntamente com outros movimentos, constitui a totalidade da estrutura informacional que deve estar presente no texto para que esse possa ser reconhecido como um exemplar de um dado gênero do discurso [...] (MOTTA-ROTH, 1995, p. 47).

O *squib*, gênero acadêmico consideravelmente novo, ainda não possui publicações suficientes no contexto brasileiro de pesquisa para ser facilmente reconhecido em cada área do conhecimento. Consequentemente, esse tipo de texto não é tão utilizado quanto poderia ser por suas respectivas

comunidades discursivas, apesar de seu considerável potencial, além de não apresentar estudos contendo uma sequência explicativa de movimentos e passos retóricos. Sobre o surgimento do termo *squib*, Lunguinho (2015) esclarece:

O termo *squib*, tal qual se conhece em Linguística, é uma criação atribuída ao linguista John Robert Ross e se refere a um gênero textual que ficou popular a partir dos anos 1960 com a revista *Linguistic Inquiry*, que teve Ross como um dos primeiros responsáveis pela seção destinada justamente à publicação desse tipo de textos, denominada *Squibs and Discussion* [...] (LUNGUINHO, 2015, p. 1).

Esse mesmo autor argumenta que o *squib*, como gênero textual, apresenta características específicas tanto na forma quanto no conteúdo. Em relação à forma, o *squib* geralmente é um texto curto. No que tange ao conteúdo, um *squib* é:

[...] um texto que aborda questões pontuais, tanto de natureza teórica quanto empírica. Do ponto de vista teórico, um *squib* pode trazer uma reflexão crítica sobre aspectos internos de uma teoria, tais como inconsistências internas, pressupostos que não estão apresentados de maneira explícita ou que precisam ser incorporados de modo que essa teoria possa fazer as previsões corretas e/ou desejáveis. Já do ponto de vista empírico, um *squib* pode apresentar um conjunto de dados que servem para confirmar as previsões de uma teoria ou que se configuram como problemas para essa teoria. Os problemas apontados no *squib* podem ou não ser resolvidos. Além dessas questões teóricas e empíricas, um *squib* também pode servir para trazer à luz para a comunidade científica uma literatura pouco conhecida ou esquecida, em que questões importantes ou dados relevantes são discutidos [...] (LUNGUINHO, 2015, p. 1).

Em suma, a finalidade de um *squib* seria fomentar determinadas investigações ou apresentar observações teóricas que seriam de interesse para pesquisas futuras.

3 Analisando o padrão de organização textual do *Squib*

Com base no modelo teórico CARS (*Creating a Research Space*) proposto por Swales (1990) e Motta-Roth e Hendges (2010), a formulação dos “movimentos retóricos” foi mapeada nesta investigação por meio de quadros de possíveis padrões textuais identificados em dez *squibs* publicados em revistas acadêmicas brasileiras da área de Linguística, com intuito de contribuir para o desenvolvimento de pesquisas e estudo desse gênero acadêmico. Os títulos dos referidos *squibs* são devidamente elencados no Quadro 1:

Quadro 1 - Relação dos squibs analisados

Número	Título	Periódico	Ano
1	Adverbiais em livros didáticos: critérios e tendências de abordagem	Linguisticário	2018
2	Crianças entendem 'todo'? Conhecimento linguístico, demandas da tarefa e controle executivo na aquisição de quantificadores	Linguisticário	2019
3	Uma Observação Sobre o Lugar da Teoria da Ligação e do Critério Temático Dentro do programa Minimalista	Revista Delta	2000
4	Descrição de Línguas Indígenas em Gramáticas Missionárias do Brasil Colonial	Revista Delta	2005
5	Raízes: primitivos sintáticos defectivos	Caderno de Squibs	2015
6	Das categorias envolvidas na derivação de "Como Assim" de Incredulidade no Português Brasileiro	Caderno de Squibs	2020
7	SQUIB: Processamento em L2 apresenta ativação neural semelhante à da L1 após meses de ausência de exposição à língua	Revista Linguística	2011
8	SQUIB - Pois e pois que Sob Uma Perspectiva Diacrônica: Alguns Problemas à Procura de uma resposta	Revista Linguística	2016
9	A pesquisa em línguas indígenas brasileiras e seu efeito na sala de aula indígena: o caso da Sociolinguística.	Letras Escreve (parte 1)	2014
10	Competências e habilidades comunicativas no contexto de ensino de língua!?	Letras Escreve (parte 2)	2014

Fonte: Autoria própria

O processo de seleção do *corpus* se deu da seguinte maneira: 1) pesquisa usando a palavra-chave “*squib*” no campo de busca do Google Acadêmico; 2) escolha de duas amostras de *squibs* de cada uma das revistas que contemplassem esse gênero, considerando também o período desde suas primeiras ocorrências até a atualidade, ou seja, cerca de 20 anos.

Após a seleção do *corpus*, foram desenvolvidas análises individuais de cada *squib* e, a partir delas, criados quadros contendo a síntese dos movimentos e passos retóricos neles encontrados, conforme será demonstrado a seguir:

Quadro 2 - Tendências de Organização Retórica do Squib 1/Linguisticário 2018

CONTEXTUALIZAR A TEMÁTICA (move 1 - Introdução)
Step 1: Resumindo o artigo; Step 2: Apresentando a tese/hipótese; Step 3: Explicitando propósito e objetivo da pesquisa; Step 4: Detalhando o quadro teórico-metodológico utilizado na pesquisa.
DISCUTIR A TEORIA (move 2 - Desenvolvimento 1)
Step 1: Problematizando e confrontando abordagens; Step 2: Apontando abordagens alternativas; Step 3: Definindo conceitos-chave; Step 4: Indicando a área na qual a pesquisa se insere; Step 5: Revisando conceitos principais e caracterizando a abordagem proposta.
PROBLEMATIZAR O FOCO DA ANÁLISE (move 3 - Desenvolvimento 2)
Step 1: Levantando hipóteses; Step 2: Acentuando a relevância da pesquisa; Step 3: Identificando a problemática a ser analisada; Step 4: Esclarecendo métodos/critério de análise da problemática; Step 5: Problematizando e confrontando abordagens.
AVALIAR A DISCUSSÃO (move 4 - Conclusão)
Step 1: Apontando e avaliando resultados principais; Step 2: Reivindicando/apontando alternativa e necessidade de avanços na investigação.

Fonte: Autoria própria

O primeiro *squib* analisado foi retirado do periódico **Linguisticário**, edição de 2018.¹ Composto por 10 páginas, a sequência adotada para a escrita do *squib* é clara e a linguagem, concisa, o que facilitou a identificação dos *moves* e *steps* em sua concepção, além de permitir a elaboração de legendas que pudessem englobar os seus movimentos e passos retóricos.

Foi possível notar que o referido *squib* segue uma ordem. Como exemplo, no primeiro movimento classificado como “Introdução”, foi feita a contextualização da temática, que tem como objetivo inserir o leitor no assunto que será discutido no restante do texto a partir de pequenos *steps* que gradualmente, envolvem o leitor no tema. O restante dos *moves* desse *squib* segue o mesmo padrão.

Quadro 3 - Tendências de Organização Retórica do *Squib 2* /Linguisticário 2019

CONTEXTUALIZAR A TEMÁTICA (move 1 - Introdução)
Step 1: Resumindo o artigo; Step 2: Explicitando propósito e objetivo da pesquisa Step 3: Apresentando a tese/hipótese; Step 5: Detalhando o quadro teórico-metodológico utilizado na pesquisa; Step 5: Acentuando a relevância da pesquisa; Step 6: Citando pesquisas prévias;
DISCUTIR A TEORIA (move 2 - Desenvolvimento 1)
Step 1: Citando pesquisas prévias; Step 2: Problematizando e confrontando abordagens;
PROBLEMATIZAR O FOCO DA ANÁLISE (move 3 - Desenvolvimento 2)
Step 1: Levantando hipóteses; Step 2: Identificando a problemática a ser analisada; Step 3: Esclarecendo métodos/critérios de análise da problemática;
AVALIAR A DISCUSSÃO (move 4 - Conclusão)
Step 1: Avaliando hipótese defendida; Step 2: Apontando e avaliando resultados principais; Step 3: Reivindicando/apontando alternativa e necessidade de avanços na investigação.

Fonte: Autoria própria

Seguindo a mesma metodologia de análise, o segundo *squib* foi retirado do **Linguisticário** no ano de 2019.² Composto por 12 páginas, ele também segue uma ordem em sua concepção. A escrita do *squib* também é clara, o que facilitou a identificação dos seus *moves* e *steps* e permitiu a elaboração de legendas para seus movimentos e passos retóricos.

Cumprir sublinhar que os movimentos 2 e 3, que compõem o desenvolvimento do texto, apresentam menos *steps* quando comparado ao primeiro *squib*, indicando que a carga informativa do *squib 2* é mais escassa, não significando, necessariamente, que ele foi mal desenvolvido. O foco principal desse *squib* foi contextualizar a temática do texto, ou seja, citar pesquisas prévias para que seja possível a identificação da problemática inserida no tema abordado.

¹ Disponível em: http://www.linguisticario.lettras.ufjf.br/uploads/7/0/5/2/7052840/s3.castanheira_santanna.pdf

² Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343447496_Criancas_entendem_%27todo%27_Conhecimento_linguistico_demandas_da_tarefa_e_controle_executivo_na_aquisicao_de_quantificadores?enrichId=rgreq-f7a75dc89bc9d693bf09bd58d2e4dca2-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdOzM0MzQ0NzQ5NjUzoz5MjExNTI3NTUwNzMwMjZAMTU5NjYzMTMz-OTY5NA%3D%3D&el=1_x_3&_esc=publicationCoverPdf.

Quadro 4 - Tendências de Organização Retórica do *Squib* 3 /Delta 2000

CONTEXTUALIZAR A TEMÁTICA (move 1 - Introdução)
Step 1: Resumindo o artigo; Step 2: Citando pesquisas prévias; Step 3: Analisando aplicabilidade da teoria; Step 4: Explicitando propósito e objetivo da pesquisa; Step 5: Detalhando o quadro teórico-metodológico utilizado na pesquisa;
DISCUTIR A TEORIA (move 2 - Desenvolvimento 1)
Step 1: Citando pesquisas prévias; Step 2: Problematizando e confrontando abordagens;
PROBLEMATIZAR O FOCO DA ANÁLISE (move 3 - Desenvolvimento 2)
Step 1: Levantando hipóteses; Step 2: Identificando a problemática a ser analisada; Step 3: Problematizando e confrontando abordagens;
AVALIAR A DISCUSSÃO (move 4 - Conclusão)
Step 1: Apontando e avaliando resultados principais; Step 2: Acentuando a relevância e/ou contribuição da pesquisa.

Fonte: Autoria própria

O terceiro *squib*, retirado da Revista **Delta** no ano 2000,³ é composto por 10 páginas. Apresentando características semelhantes aos *squibs* analisados, seu foco principal consistiu na contextualização da temática em busca da análise e discussão das problemáticas nela inseridas.

Durante a análise desse *squib*, foi identificado um *step* ainda não encontrado nos outros previamente estudados. Na Introdução, foi feita uma análise da aplicabilidade da teoria citada nas pesquisas prévias. Nesse caso, o *step* 3 do *move* 1 encontrado no *squib* ganhou uma nova legenda que caracterizou o novo passo identificado.

A partir da identificação desse novo passo no *squib* 3, cabe enfatizar que a ocorrência e a ordem dos *steps* de um *squib* podem sofrer alterações e apresentar certas singularidades, não sendo necessária, assim, uma sequência específica para que o texto se enquadre nos requisitos principais da composição desse gênero.

³ Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/48nH4bk7bgFNbdCnzNbysFL/?lang=pt>.

Quadro 5 - Tendências de Organização Retórica do Squib 4 /Revista Delta 2005

CONTEXTUALIZAR A TEMÁTICA (move 1 - Introdução)
Step 1: Resumindo o artigo; Step 2: Citando pesquisas prévias; Step 3: Explicitando propósito e objetivo da pesquisa; Step 4: Detalhando o quadro teórico-metodológico utilizado na pesquisa; Step 5: Apresentando a tese/hipótese.
DISCUTIR A TEORIA (move 2 - Desenvolvimento 1)
Step 1: Citando pesquisas prévias; Step 2: Apontando abordagens alternativas;
PROBLEMATIZAR O FOCO DA ANÁLISE (move 3 - Desenvolvimento 2)
Step 1: Identificando a problemática a ser analisada; Step 2: Problematizando e confrontando abordagens; Step 3: Levantando hipóteses;
AVALIAR A DISCUSSÃO (move 4 - Conclusão)
Step 1: Apontando e avaliando resultados principais; Step 2: Acentuando a relevância e/ou contribuição da pesquisa.

Fonte: Autoria própria

O *squib* 4, retirado da Revista **Delta**, edição de 2015,⁴ é composto por 27 páginas. É notória a diferença em relação à sua extensão, apontando tanto para a maior carga informativa que o autor atribuiu ao seu texto, como também para o fato de que o gênero sob análise não está consolidado no que concerne a questões formais.

Apresentando as mesmas características dos *squibs* anteriores, seu foco principal foi contextualizar a temática “citando pesquisas prévias” e apresentando diferentes abordagens teóricas, priorizando confrontar essas abordagens e problematizá-las.

Quadro 6 - Tendências de Organização Retórica do Squib 5 /Caderno de Squibs 2015

CONTEXTUALIZAR A TEMÁTICA (move 1 - Introdução)
Step 1: Resumindo o artigo; Step 2: Explicitando propósito e objetivo da pesquisa Step 3: Apresentando a tese/hipótese; Step 4: Citando pesquisas prévias.
DISCUTIR A TEORIA (move 2 - Desenvolvimento 1)
Step 1: Citando pesquisas prévias; Step 2: Problematizando e confrontando abordagens;
PROBLEMATIZAR O FOCO DA ANÁLISE (move 3 - Desenvolvimento 2)
Step 1: Levantando hipóteses; Step 2: Identificando a problemática a ser analisada; Step 3: Questionando a pesquisa; Step 4: Problematizando e confrontando abordagens;
SINTETIZAR A DISCUSSÃO (move 4 - Conclusão)
Step 1: Sintetizando a discussão; Step 2: Apresentando conclusões e posicionamento do autor.

Fonte: Autoria própria

⁴ Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/ZcQRY3mSSDKPy4ZmMzhZFyF/?lang=pt>.

O quinto *squib* analisado, por outro lado, apresentou algumas diferenças em sua sequência de movimentos. Composto por oito páginas e editado em 2015,⁵ seu foco principal, além de contextualizar a temática e identificar suas problemáticas, também se voltou para a transmissão do posicionamento do autor com relação às pesquisas prévias.

Ao contrário dos outros *squibs* da amostra, ele apresenta o último movimento de forma alternativa. O *move* 4, classificado como “Sintetizar a discussão”, é voltado para um resumo da discussão do texto e a visão do autor perante o tema, o que indica que o *squib* 5 segue uma diferente sequência de movimentos em relação aos outros, até aqui analisados.

Em adição, faz-se necessário mencionar que os *steps* do quarto movimento desse *squib* não se assemelham ao dos outros, evidenciando novamente a alternância na escrita do gênero acadêmico *squib*, sem que haja desvio dos requisitos principais de sua composição.

Quadro 7 - Tendências de Organização Retórica do *Squib* 6 /Caderno de *Squibs* 2020

<p>DIRECIONAR A ANÁLISE (move 1 - Introdução)</p>
<p>Step 1: Resumindo o artigo; Step 2: Citando pesquisas prévias; Step 3: Apresentando a tese/hipótese; Step 4: Explicitando propósito e objetivo da pesquisa; Step 5: Detalhando o quadro teórico-metodológico utilizado na pesquisa;</p>
<p>CONTEXTUALIZAR A TEMÁTICA (move 2 - Desenvolvimento 1)</p>
<p>Step 1: Citando pesquisas prévias; Step 2: Problematizando e confrontando abordagens; Step 4: Apontando abordagens alternativas;</p>
<p>DISCUTIR A TEORIA (move 3 - Desenvolvimento 2)</p>
<p>Step 1: Citando pesquisas prévias; Step 2: Levantando hipóteses;</p>
<p>SINETIZAR A DISCUSSÃO (move 4 - Conclusão)</p>
<p>Step 1: Apresentando conclusões e posicionamento do autor; Step 2: Sintetizando a discussão; Step 3: Reivindicando/apontando alternativa e necessidade de avanços na investigação.</p>

Fonte: Autoria própria

Sob essa perspectiva, o *squib* 6, composto por 12 páginas,⁶ segue uma sequência de movimentos semelhante ao anterior. Contudo, nele foi identificada mais uma alternância relevante para a pesquisa.

Apesar de esse *squib* também seguir uma ordem em sua composição, os *moves* encontrados em sua análise não apresentam o mesmo padrão dos anteriores, ou seja, a ordem em que foram inseridos no texto sofreu alteração, além de ter sido identificado um novo movimento.

Nos *squibs* anteriores, a introdução do texto foi classificada como *move* 1 – Contextualizar a temática. Em contrapartida, no sexto *squib*, o primeiro movimento identificado não enfatiza a contextualização da temática, mas, sim, busca direcionar a análise do autor. Por conseguinte, o foco desse *squib*, além de problematizar diferentes abordagens das pesquisas prévias, foi induzir o pensamento crítico em leitores e incentivar mais análises de teorias consolidadas.

⁵ Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs/article/view/7588/6273>.

⁶ Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs/article/view/33857/28273>.

Quadro 8 - Tendências de Organização Retórica do *Squib* 7 /Revista Linguística 2011

CONTEXTUALIZAR A TEMÁTICA (move 1 - Introdução)
Step 1: Resumindo o artigo; Step 2: Citando pesquisas prévias; Step 3: Analisando aplicabilidade da teoria; Step 4: Explicitando propósito e objetivo da pesquisa;
DISCUTIR A TEORIA (move 2 - Desenvolvimento 1)
Step 1: Citando pesquisas prévias; Step 2: Problematizando e confrontando abordagens;
PROBLEMATIZAR O FOCO DA ANÁLISE (move 3 - Desenvolvimento 2)
Step 1: Levantando hipóteses; Step 2: Identificando problemática a ser analisada; Step 3: Esclarecendo método/critério de análise da problemática;
AVALIAR A DISCUSSÃO (move 4 - Conclusão)
Step 1: Apontando e avaliando resultados principais. Step 2: Sintetizando a discussão.

Fonte: Autoria própria

Seguindo a mesma metodologia de análise, o sétimo *squib* foi retirado da Revista **Linguística** no ano de 2011.⁷ Composto por 11 páginas, ele segue a mesma sequência dos *squibs* 1, 2, 3 e 4. O seu foco principal foi contextualizar a temática do texto, ou seja, citar pesquisas prévias para que seja possível a identificação da problemática inserida no tema abordado.

Quadro 9 - Tendências de Organização Retórica do *Squib* 8 /Revista Linguística 2016

CONTEXTUALIZAR A TEMÁTICA (move 1 - Introdução)
Step 1: Resumindo o artigo; Step 2: Citando pesquisas prévias; Step 3: Acentuando relevância da pesquisa; Step 4: Apresentando a tese/hipótese; Step 5: Explicitando propósito e objetivo da pesquisa; Step 6: Detalhando o quadro teórico-metodológico utilizado na pesquisa;
DISCUTIR A TEORIA (move 2 - Desenvolvimento 1)
Step 1: Citando pesquisas prévias; Step 2: Problematizando e confrontando abordagens;
PROBLEMATIZAR O FOCO DA ANÁLISE (move 3 - Desenvolvimento 2)
Step 1: Levantando hipóteses; Step 2: Identificando a problemática a ser analisada; Step 3: Problematizando e confrontando abordagens;
AVALIAR A DISCUSSÃO (move 4 - Conclusão)
Step 1: Sintetizando a discussão; Step 2: Apontando e avaliando resultados principais.

Fonte: Autoria própria

O *squib* 8 segue os mesmos padrões de estrutura dos *squibs* 1, 2, 3, 4 e 7. Composto por 13

⁷ Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/263045777_Squib_Processamento_em_L2_apresenta_ativacao_neural_semelhante_a_L1_apos_meses_de_ausencia_de_exposicao_a_lingua.

páginas,⁸ além de também apresentar uma sequência concisa de movimentos retóricos, seu foco principal se assemelha com os anteriormente citados: “contextualizar a temática”, “analisar e confrontar pesquisas prévias” e “levantar hipóteses” que identificam a problemática da teoria.

Quadro 10 - Tendências de Organização Retórica do *Squib 9* /Letras Escreve 2014

CONTEXTUALIZAR A TEMÁTICA (move 1 - Introdução)
Step 1: Resumindo o artigo; Step 2: Explicitando propósito e objetivo da pesquisa; Step 3: Citando pesquisas prévias; Step 4: Acentuando a relevância da pesquisa;
PROBLEMATIZAR O FOCO DA ANÁLISE (move 2 - Desenvolvimento 1)
Step 1: Citando pesquisas prévias; Step 2: Problematizando e confrontando abordagens; Step 3: Levantando hipóteses; Step 4: Questionando pesquisa;
SINTETIZAR A DISCUSSÃO (move 3 - Conclusão)
Step 1: Sintetizando a discussão; Step 2: Acentuando a relevância e/ou contribuição da pesquisa; Step 3: Questionando a pesquisa.

Fonte: Autoria própria

No *squib 9*, por outro lado, é notória a diferença não só na quantidade de movimentos em relação aos *squibs* anteriormente citados, mas na sua extensão. Talvez isso se dê por conta de um processo de “aperfeiçoamento” do gênero nos periódicos brasileiros com o passar do tempo. Retirado da **Letras Escreve** no ano de 2014,⁹ é composto por quatro páginas e apresenta somente três *moves*.

O segundo movimento, classificado como “Discutir a teoria”, não teve espaço na concepção desse *squib*, ou seja, não foi feita uma discussão aprofundada da teoria que embasou a escrita do texto. Todavia, a exclusão de um *move* não indica, necessariamente, que o *squib* esteja incompleto ou com baixa qualidade. Cabe ao autor decidir quais movimentos vão ser inseridos em seu texto, desde que respeite as características de composição desse gênero acadêmico.

O foco principal do *squib 9* foi questionar as pesquisas prévias com intuito de induzir futuros estudos com relação à temática abordada. Em oposição aos outros *squibs* analisados, no nono *squib* não foi feita uma apresentação de resultados, bem como não foi diretamente identificado o posicionamento do autor perante as problemáticas citadas, mas, sim, foi explicitada a necessidade de questionar teorias e abordagens já enraizadas no ensino de determinadas temáticas.

Quadro 11 - Tendências de Organização Retórica do *Squib 10* /Letras Escreve 2014

CONTEXTUALIZAR A TEMÁTICA (move 1 - Introdução)
Step 1: Resumindo o artigo; Step 2: Explicitando propósito e objetivo da pesquisa; Step 3: Apresentando a tese/hipótese; Step 4: Citando pesquisas prévias; Step 5: Acentuando a relevância da pesquisa;
PROBLEMATIZAR O FOCO DA ANÁLISE (move 2 - Conclusão)
Step 1: Questionando a pesquisa; Step 2: Sintetizando a discussão; Step 3: Levantando hipóteses; Step 3: Reivindicando/apontando alternativa e necessidade de avanços na investigação.

Fonte: Autoria própria

⁸ Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5434/4026>.

⁹ Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/viewFile/2353/paolav4n2.pdf>.

O último *squib* que compõe esta análise segue o mesmo padrão de escrita do *squib* 9. Também retirado da **Letras Escreve** no ano de 2014,¹⁰ é composto por cinco páginas e apresenta somente dois movimentos.

O segundo movimento classificado nos *squibs* anteriores como “Discutir a teoria” também não teve espaço na concepção desse *squib*, bem como o último *move* encontrado em todos os outros *squibs* da amostra, classificado como “Avaliar a discussão” ou “Sintetizar a discussão”. Contudo, como citado anteriormente, a exclusão de um movimento durante a composição do texto pode ser feita desde que as “regras” que formam um *squib* sejam seguidas.

O foco principal do último *squib* foi questionar as pesquisas prévias com intuito de induzir futuros estudos com relação a temática abordada. Faz-se necessário mencionar que o segundo *move* do *squib* 10, classificado como “Problematizar o foco da análise”, além de questionar a pesquisa e problematizar a temática, também fez uma síntese da discussão abordada no texto e apontou a grande necessidade de avanços no tema apresentado.

Após a análise pormenorizada de cada *squib* e a elaboração de quadros que classificam os movimentos de cada um, foi então elaborado um quadro “geral” (Quadro 12) para apresentar os possíveis “movimentos retóricos” mais frequentes e comuns a todos os dez *squibs* analisados:

Quadro 12 - Tendências de Organização Retórica do Gênero Acadêmico *Squib*.

CONTEXTUALIZAR A TEMÁTICA (move 1)
Step 1: Resumindo o artigo e/ou Step 2: Explicitando propósito e objetivo da pesquisa e/ou Step 3: Apresentando a tese/hipótese e/ou Step 4: Acentuando a relevância da pesquisa e/ou Step 5: Citando pesquisas prévias e/ou Step 6: Detalhando o quadro teórico-metodológico utilizado na pesquisa
DISCUTIR A TEORIA (move 2)
Step 1: Citando pesquisas prévias e/ou Step 2: Problematizando e confrontando abordagens e/ou Step 3: Apontando abordagens alternativas
PROBLEMATIZAR O FOCO DA ANÁLISE (move 3)
Step 1: Levantando hipóteses e/ou Step 2: Identificando a problemática a ser analisada e/ou Step 3: Problematizando e confrontando abordagens e/ou Step 4: Esclarecendo métodos/critério de análise da problemática e/ou Step 5: Acentuando relevância da pesquisa
AVALIAR A DISCUSSÃO/SINETIZAR A DISCUSSÃO (move 4)
Step 1: Sintetizando a discussão e/ou Step 2: Apontando e avaliando resultados principais e/ou Step 3: Acentuando a relevância e/ou contribuição da pesquisa e/ou Step 4: Apresentando conclusões e posicionamento do autor e/ou Step 5: Reivindicando/apontando alternativa e necessidade de avanços na investigação.

Fonte: Autoria própria

A análise e o desenvolvimento individual do texto de cada *move* e *step* da amostra permitiu a identificação dos movimentos e passos mais recorrentes na composição dos *squibs* analisados, como é possível observar no Quadro 13:

¹⁰ Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/2352/amandav4n2.pdf>.

Quadro 13 - Frequência de *moves* e *steps* em cada *squib* (*sqb*) analisado

Move1	Sqb1	Sqb2	Sqb3	Sqb4	Sqb5	Sqb6	Sqb7	Sqb8	Sqb9	Sqb10	Total
Step 1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	10
Step 2	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	10
Step 3	X	X	-	X	X	X	-	X	X	X	8
Step 4	-	X	-	-	-	-	X	X	X	X	5
Step 5	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	10
Step 6	X	X	X	X	-	X	-	X	-	-	6
Move2	Sqb1	Sqb2	Sqb3	Sqb4	Sqb5	Sqb6	Sqb7	Sqb8	Sqb9	Sqb10	Total
Step 1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	10
Step 2	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	9
Step 3	X	-	-	X	-	X	-	-	X	-	4
Move3	Sqb1	Sqb2	Sqb3	Sqb4	Sqb5	Sqb6	Sqb7	Sqb8	Sqb9	Sqb10	Total
Step 1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	10
Step 2	X	X	X	X	X	-	X	X	-	-	7
Step 3	X	-	X	X	X	-	-	X	X	-	6
Step 4	X	X	-	-	-	-	X	-	-	-	3
Step 5	-	-	-	-	X	-	-	-	X	X	3
Move4	Sqb1	Sqb2	Sqb3	Sqb4	Sqb5	Sqb6	Sqb7	Sqb8	Sqb9	Sqb10	Total
Step 1	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	6
Step 2	X	X	X	X	-	-	X	X	X	-	7
Step 3	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-	2
Step 4	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	2
Step 5	X	X	-	-	-	X	-	-	-	X	4

Fonte: Autoria própria

Tendo em vista os quadros apresentados, torna-se essencial mencionar que todos os quatro movimentos estão presentes na amostra. Em contrapartida, os *steps* não foram contemplados em sua totalidade na maioria dos *squibs* analisados. Foi identificada uma alternância considerável na ordem seguida pelos *steps* em cada *squib*, o que indica, certamente, uma possível dinamicidade e/ou instabilidade na sequência de organização textual deste gênero acadêmico, em função de sua evolução no contexto brasileiro de pesquisa ao longo dos anos.

Também ficou evidenciada a presença dos primeiros passos de cada movimento na amostra analisada. Como exemplo, no primeiro movimento do *squib*, foi indicado que os dez *squibs* apresentam um resumo do que será discutido no texto e os objetivos almejados com essa discussão (*move* 1, *steps* 1 e 2). No segundo movimento, toda a amostra indica quais foram as literaturas prévias estudadas para seu desenvolvimento (*move* 1, *step* 1).

No terceiro movimento, o primeiro *step* que foi identificado como “levantando hipóteses” também está presente em todos os *squibs* analisados. A única exceção desse caso foi o quarto movimento, que pareceu não contemplar a totalidade na relação *squib/steps*, o que evidencia a flexibilidade da finalidade comunicativa das unidades retóricas no que tange à escrita da conclusão desse gênero acadêmico.

Por conseguinte, ficou perceptível a preferência pelos “movimentos retóricos” 1, 2 e 3, sugerindo que o quarto “move”, denominado “avaliando a discussão/ sintetizando a discussão” não carrega excessiva carga informativa em sua concepção, apesar de estar presente em todos os *squibs* analisados. Tomando como exemplo os *steps* 3 e 4 desse movimento, é possível observar a vasta defasagem em sua ocorrência; contudo, eles foram incluídos no quadro de tendências de organização retórica por serem essenciais nos *squibs* em que foram identificados.

Durante a análise, ficou evidente que cada *squib* apresenta somente dois *steps* do quarto movimento, com exceção do *squib* 6, que apresenta três *steps*. Diante desse fato, pode-se afirmar que as conclusões do gênero textual *squib* são sucintas, porém oscilantes, o que explica a variação no nome desse “movimento”. Utilizando os *squibs* 5, 6 e 9 como exemplo, foi identificada, nas conclusões do texto, a sintetização da discussão, em contraste com o restante da amostra que avalia a discussão apresentada.

Outro ponto relevante observado na análise foi a repetição de diversos *steps* no decorrer do *squib*, o que torna o enquadramento deles dentro dos *moves* consideravelmente difícil. O quadro de tendências dos movimentos foi desenvolvido com base na frequência em que os *steps* apareceram na amostragem, indicando que eles podem, ou não, aparecer novamente durante o restante do *squib*. Essa alternância, citada anteriormente, parece apontar para sua forte plasticidade

O gênero acadêmico *squib* demonstrou algumas finalidades relevantes em sua composição textual. Seu objetivo principal parece ser discutir uma teoria e suas inconsistências, evidenciando que pressupostos podem, ou não, estar equivocados e/ou evoluírem. Para isso, é desenvolvida uma argumentação que apresenta fatos e dados concretos, com intuito de comprovar ou problematizar a teoria previamente citada no estudo. Também é evidenciada a relevância da discussão e qual a finalidade de sua ocorrência.

Se o autor do *squib* concorda com as teorias discutidas em seu texto, ele as comprova e faz um levantamento de hipóteses visando à sua evolução. Se ele discorda, são identificadas lacunas nessa literatura, que serão problematizadas ao longo da dissertação podendo, ou não, ser resolvidas. O *squib*, em suma, visa abrir novas pautas de estudo para determinada teoria e deixa isso claro na sua conclusão, em que a maioria deles evidencia a necessidade de avanços.

4 Considerações finais

O objetivo deste artigo foi identificar, nomear e mapear os movimentos e passos retóricos seguidos no desenvolvimento e escrita de *squibs*, além de direcionar futuras pesquisas e contribuir para o processo de produção e leitura deste gênero. Com base no referencial teórico-metodológico aqui proposto, foram analisados dez *squibs* publicados em revistas acadêmicas brasileiras da área de Linguística, com o intuito de: 1) verificar se há recorrência de movimentos e passos retóricos entre eles e 2) elaborar um quadro hipotético da organização textual dos *squibs* analisados, apontando para possíveis tendências no âmbito da comunidade acadêmica atinente à área de Linguística.

A partir dos quadros de movimentos individuais, percebeu-se a necessidade de elaborar um quadro geral com os movimentos mais recorrentes em todos os *squibs* analisados. Desse modo, foi possível notar a frequência considerável com que os *steps* 1 (Resumindo o artigo), 2 (Explicitando propósito e objetivo da pesquisa) e 5 (Citando pesquisas prévias) do *move* 1, denominado “Contextualizar a temática”, ocorrem na amostragem. Todos os 10 *squibs* carregam esses três passos em suas composições.

Em adição, o primeiro *step*, classificado como “Citando pesquisas prévias”, do *move* 2 (Discutir a teoria) e o *step* 1, denominado “Levantando hipóteses”, do *move* 3 (Problematizar o foco da análise) também são recorrentes em absolutamente toda a amostra. Destarte, conclui-se que esses foram os passos mais frequentes na construção dos *squibs* analisados nesse projeto – comprovando, assim, a recorrência de *moves* e *steps* semelhantes na elaboração de *squibs* na área de Linguística.

Em contrapartida, o quarto movimento, identificado como “Avaliar a discussão/ Sintetizar a discussão”, não foi explorado em sua totalidade em nenhum dos *squibs* da amostragem, o que indica uma forte dinamicidade nos *steps* de conclusão desse gênero. Logo, o *move* 4 deve ser considerado o menos consolidado, ou seja, ainda sofre diversas alternâncias, não sendo muito explorado por autores. Por essa razão, as conclusões dos *squibs* só apresentam dois *steps* – alternantes entre si – em nove dos dez textos que compuseram a amostra, com excessão do *squib* 6, que, como visto anteriormente, pode ser considerado único.

Ficou evidenciado, com base no modelo teórico CARS (*Creating a Research Space*) proposto por Swales (1990) e Motta-Roth e Hendges (2010), que o gênero acadêmico *squib* se enquadra nos padrões propostos pelos teóricos. A presença de “movimentos retóricos” na amostragem é clara e evidente, conforme ilustrado no Quadro 12, indicando que futuras análises do gênero *squib* certamente podem ser desenvolvidas por meio do estudo de suas tendências de organização textual.

A identificação das tendências de organização textual permitiu a realização de um mapeamento dos movimentos e unidades retóricas desse gênero (Quadro 13). Todavia, a partir do mapeamento acima proposto como base, uma vez que foi comprovada a significativa dinamicidade do quadro teórico-metodológico adotado na escrita do *squib*, faz-se necessário inferir que a estrutura textual pode sofrer alterações em sua sequência, dada a sua forte plasticidade. A partir da escolha dos produtores de texto, a ocorrência dos *moves* pode se alternar com a dos *steps*, não necessariamente sendo obrigatório o uso de todos.

Por fim, o estudo do gênero acadêmico *squib* foi desenvolvido a fim de melhor compreender o processo de produção desse gênero no âmbito das comunidades acadêmicas pertencentes à área da Linguística. Espera-se que este trabalho possa contribuir para identificação, desenvolvimento e relevância do *squib* dentro dessas comunidades discursivas e em outras áreas do conhecimento, fomentando, assim, mais pesquisas futuras acerca das características desse gênero acadêmico.

Referências

- BAZERMAN, C. **Shaping written knowledge: the genre and activity of the experimental article in science**. Madison, WI: University of Wisconsin Press, 1988.
- BHATIA, V. K. **Analysing genre: language use in professional settings**. New York: Longman Publishing, 1993.
- BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J. C.; SOUZA, C. S. T. Análise de gêneros na abordagem de Swales: princípios teóricos e metodológicos. In: BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J. C.; SOUZA, C. S. T. (org.). **Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 17-32. (Leitura, Escrita e Oralidade).
- CARVALHO, F. F. Padrões de Organização Textual e Lexicogramatical do gênero acadêmico resumo de tese: Um Estudo de Caso. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, v. 49, n. 1, p. 115-128, jan./jul. 2010.
- KRESS, G. **Linguistic processes in sociocultural practice**. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- LUNGUINHO, M. Sobre o termo ‘squib’ em Linguística. **Caderno De Squibs: Temas Em Estudos Formais Da Linguagem**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 1, 2015.
- MARTIN, J. E. **Factual writing: Exploring and challenging social reality**. Oxford: Oxford University Press, 1985/1989.
- MILLER, C. R. Genre as social action. **Quarterly Journal of Speech**, v. 70, n. 2, p. 151-67, 1984.
- MOTTA-ROTH, D. Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem. **DELTA**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 341-383, 2008.
- MOTTA-ROTH, D. **Rhetorical features and disciplinary cultures – a genrebased study of academic book reviews in linguistics, chemistry and economics**. 1995. 356 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.
- MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção Textual na Universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SANTOS, Z. B.; CARVALHO, F. F. A Produção Escrita de Artigo no Contexto Acadêmico. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 22, n. 3, p. 835-859, jul-set. 2019.

SWALES, J. M. **Aspects of article introductions**. Birmingham, UK: The University of Aston, Language Studies Unit, 1981.

SWALES, J. M. **Genre Analysis: english in academic and research settings**. United Kingdom: Cambridge University Press, 1990.

ZAKIR, M. A.; ANDREU-FUNO, L. B. O Gênero Acadêmico em Questão: Uma Análise Sociorretórica de Resumos de Dissertações de Mestrado do Projeto Teletandem Brasil. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, p. 877-897, 2013.